

Economia com juros poderia ser usada no social

Com desvalorização cambial, BC poderia ter reduzido as taxas

• O economista Paulo Nogueira Batista Júnior, da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo, acredita que, justamente pela impossibilidade de o Governo gastar e permitir aumento real da renda, o Banco Central deveria ter uma política monetária mais agressiva. Para ele, a mudança cambial bem-sucedida do ano passado ampliou a margem de manobra do BC na condução dos juros, e a diretoria do banco "está criando uma rigidez absurda".

— Existem condições para baixar os juros e ajudar o país a crescer. Se pegarmos os 25 países emergentes, só há dois países com juros acima do nosso, Hong Kong e Indonésia. A Colômbia está em guerra civil e tem juros reais de 2%. Que argumento é este de prêmio de risco? — indaga.

No ano passado, US\$ 120 bilhões com juros da dívida

Ele enumera outros fatores que permitiriam redução mais acelerada dos juros. Segundo o economista da FGV/SP, a dependência externa está caindo, pois o déficit em conta corrente caiu 27% em 1999 em relação ao ano anterior, passando de US\$ 33,6 bilhões para US\$ 24,4 bilhões. A queda se acentuou no primeiro bimestre de 2000, com recuo de 33% sobre o mesmo período do ano passado.

— Talvez o Governo esteja limitado pelo monitoramento do FMI e suas metas, mas o primeiro beneficiário da redução mais gradativa dos juros seria o próprio Governo, pois o impacto é imediato sobre a dívida pública — avalia.

Isto porque a mesma taxa de juros elevada que inibe produção e consumo remunera os títulos emitidos pelo Governo para cobrir seu déficit, aumentando as despesas com os encargos da dívida pública. Em 1999, apesar do aperto no caixa, o Brasil pagou cerca de US\$ 120 bilhões de juros por conta de uma taxa média de 25,5% no ano. Se os juros fossem mais baixos, sobraria verba para o Governo investir em educação, saúde e habitação, estimulando a economia.

— É preciso mudar a estrutura do ajuste, ou será eternamente o cachorro correndo atrás do rabo — diz o professor Reinaldo Gonçalves, economista da UFRJ. (Flávia Barbosa)